

26 de novembro de 1958

Lição III

26 de Novembro de 1958

Eu começo cumprindo minhas promessas. Da última vez, tinha lhes indicado o artigo de Sartre que se chama: *A transcendência do ego, esboço de uma descrição fenomenológica*. Esse artigo se encontra no volume V de *Recherches philosophiques*, páginas 85 a 103, excelente revista que deixou de ser publicada com a guerra e com o desaparecimento de seu editor, Boivin¹.

A observação feita por Freud que “a afirmação que *todos os sonhos tem uma significação sexual* (mais exatamente, exigem uma interpretação sexual), contra qual toda a literatura infatigavelmente polemizou, é absolutamente estranha à minha *Traumdeutung*. Nas sete edições desse livro (isso está escrito naturalmente na sétima). Ela se encontra numa contradição particularmente sensível com o resto do conteúdo” (se encontra no tomo 2-3, que contém a *Traumdeutung* na página 402²)³.

Muitos dentre vocês ouviram ontem à noite o relato clínico de um dos nossos camaradas e excelente psicanalista, sobre o tema do obcecado⁴. Vocês o ouviram falar a respeito do desejo e da demanda. Nós buscamos aqui pô-la em relevo, porque ela não é absolutamente uma questão teórica, mas está ligada ao essencial de nossa prática, essa questão que é aquela em torno da qual se passa o problema da estrutura do desejo e da demanda, e que é alguma coisa que, sem dúvida, se aplica de imediato à clínica, a vivifica, a torna, eu diria, compreensível. Eu diria quase ser um sinal, que de vê-la manejada demais ao nível da compreensão, vocês possam sentir eu não sei qual sentimento de insuficiência. E é verdade, por sinal, que o nível da compreensão está longe de esgotar os recursos daquilo que é estrutura, que nós buscamos adentrar, porque é sobre ela que procuramos agir, e a chave em torno da qual devemos fazer girar esta distinção entre a demanda e o desejo - enquanto que, de imediato, ela clarifica a demanda, mas, por outro lado, situa bem em seu lugar, isto é, ao seu ponto estritamente enigmático, a posição do desejo do homem -, a chave disso tudo é a relação do sujeito ao significante. O que caracteriza a demanda não é somente ser uma relação de sujeito a um outro sujeito, é que essa relação se faz por intermédio da linguagem, isto é, por intermédio do sistema dos significantes.

Já que nós abordamos agora - eu o anunciei a vocês - a questão do que é o desejo enquanto que ele é o fundamento do sonho, vocês sabem de imediato que não é simples de saber qual é esse desejo. Se ele é o motor do sonho, vocês sabem que pelo menos ele é duplo: 1) Que esse desejo é, primeiramente, de manutenção do sono, Freud o articulou da maneira mais expressa, isto é, desse estado onde, para o sujeito, se suspende a realidade. 2) O desejo é desejo de morte; ele o é, por outro lado e ao mesmo tempo, e perfeitamente compatível, eu diria, na medida em que, freqüentemente, por intermédio desse segundo desejo, o primeiro é satisfeito, o desejo sendo aquilo em que o sujeito do *Wunsch* se satisfaz.

E esse sujeito, eu gostaria de pô-lo em uma forma de parênteses: o sujeito, nós não sabemos o que é, e o sujeito do *Wunsch*, do sonho, a questão é saber quem ele é. Quando

¹ op. cit.

² p. 341 da edição francesa.

³ Aqui estava previsto um esquema, mas nenhum traço pôde ser reencontrado.

⁴ LECLAIRE, S.: *Philon ou l'obsessif et son désir* (1959), retomado em *Démasquer le réel*, Paris, 1971, Le Seuil.

26 de novembro de 1958

alguns dizem o eu [m], se enganam. Freud certamente afirmou o contrário. E se dizemos é o inconsciente, não quer dizer nada. Portanto, quando digo: o sujeito do *Wunsch* se satisfaz, eu ponho esse sujeito entre parênteses, e tudo o que Freud nos diz, é que é um *Wunsch* que se satisfaz. Ele se satisfaz de quê? Eu diria que ele se satisfaz do ser, entendam, do ser que se satisfaz. É tudo o que nós podemos dizer, pois na verdade fica bem claro que o sonho não traz consigo nenhuma outra satisfação que a satisfação ao nível do *Wunsch*, isto é, uma satisfação, se assim pudermos dizer, verbal. O *Wunsch* se contenta aqui de aparências, e fica bem claro se se trata de um sonho; e também, por sinal, o caráter dessa satisfação está aqui refletido na linguagem por onde ele no-la expressou, por esse “satisfação do ser”, como me expressei há pouco, e onde se trai essa ambigüidade da palavra “ser” enquanto está aí, se introduz em todo lugar e que também, de se formular assim, dessa forma gramatical de reenvio do ser - ou “ser satisfeito”, quero dizer - : pode ser tomado por esse lado substancial? Não há outra coisa de substancial no ser que essa palavra mesmo, “ele se satisfaz do ser/ele se satisfaz de sê-lo” [“il se satisfait de l'être”], nós [não] podemos tomá-lo pelo que é do ser, senão ao pé da letra.

Afinal de contas, é, de fato, como alguma coisa da ordem do ser que satisfaz o *Wunsch*. Só há, em resumo, no sonho, ao menos no plano do ser, o *Wunsch* poder se satisfazer.

Eu gostaria um pouco de fazer aqui o que costumo, esse pequeno preâmbulo, se vocês quiserem, esse olhar para trás, esse comentário que lhes permite limpar os olhos desse não sei o quê que não entendem, nada menos que o conjunto da história e da especulação psicológica na medida em que está ligada, que a psicologia moderna começou por formular, como vocês o sabem, em termos do atomismo psicológico, aqui todas as [teorias associacionistas]. Cada um sabe que nós não estamos mais nesse ponto, o associacionismo como se diz, e que nós fizemos progressos consideráveis desde que nós fizemos entrar a demanda da totalidade, a unidade do campo, a intencionalidade e outras forças em consideração. Mas, eu diria, que a história não está nem um pouco resolvida, e ela não está nem um pouco resolvida precisamente por causa da psicanálise de Freud, mas não vemos de forma alguma como, na realidade, o móbil que agiu desse acerto de contas, que não é um, quero dizer que deixamos escapar completamente a essência, e, ao mesmo tempo, também a persistência daquilo que aí foi pretensamente reduzido.

No início, é verdade, o associacionismo da tradição da escola psicológica inglesa, onde é o jogo articulado e um vasto menosprezo, se eu posso me expressar assim, onde, eu diria, notamos o campo do real, no sentido onde isto de que se trata é da apreensão psicológica do real, e onde se trata de explicar, em suma, não somente que há homens que pensam, mas que há homens que se deslocam no mundo captando de modo mais ou menos conveniente o campo dos objetos.

Onde está, portanto, esse campo dos objetos, seu caráter fragmentado, estruturado? De quê? Da cadeia significante simplesmente, e eu vou, verdadeiramente, tentar escolher um exemplo para tentar lhes fazer sentir que não se trata de nada ou de nenhuma outra coisa, e que tudo o que trazemos na teoria associacionista dita estruturada - para conceber a progressividade da apreensão psicológica a partir da [escansão (?)] - não é nada além, de fato, que o fato de dotar a mais esses campos do real do caráter fragmentado e estruturado da cadeia significante.

A partir daí, evidentemente, percebemos que vai haver um mal estar e que deve haver relações mais originais, se podemos dizer, com o real, e por isso partimos da noção proporcionalista - e vamos embora na direção de todos os casos onde esta apreensão do

26 de novembro de 1958

mundo é, de certa forma, mais elementar, justamente menos estruturada pela cadeia significante, sem saber que é disso que se trata - vamos na direção da psicologia animal, evocamos todos os lineamentos estigmáticos graças aos quais o animal pode vir a estruturar seu mundo e tentar de aí encontrar o ponto de referência.

Nós imaginamos que, quando fizemos isto, resolvemos - em uma espécie de teoria do campo animado do vetor do desejo primordial -, fizemos a reabsorção desses famosos elementos que eram uma primeira e falsa apreensão da tomada do campo real pela psicologia do sujeito humano. Simplesmente não fizemos nada, descrevemos outra coisa, introduzimos uma outra psicologia, mas os elementos do associacionismo sobrevivem por completo e perfeitamente no estabelecimento da psicologia mais primitiva; eu quero dizer que busca captar o nível de cooptação no campo sensorio-motor do sujeito com seu *Umwelt*, com seu ambiente. Não fica por menos que tudo o que se relaciona, que todos os problemas levantados a propósito do associacionismo sobrevivem perfeitamente a isso, que ele não foi de forma alguma uma redução, mas uma espécie de deslocamento do campo de mira, e a prova é justamente o campo analítico no qual permanecem regendo todos os princípios do associacionismo. Pois nada até aqui estrangulou o fato que, quando nós começamos a explorar o campo do inconsciente, nós o fizemos e nós o refazemos todos os dias, depois de alguma coisa que se chama em princípio “associação livre”, e até o presente, em princípio, - apesar de, é claro, isso ser um termo aproximativo, inexato para designar o discurso analítico - o objetivo da associação livre permanece válido e que as experiências originais revelam palavras induzidas e guardam sempre - ainda que, evidentemente, elas não guardem o valor terapêutico nem prático - mas guardam sempre seu valor orientativo para a exploração do campo do inconsciente, e isso bastaria por si só para nos mostrar que estamos em um campo onde reina a palavra, onde reina o significante.

Mas se isso não lhes basta ainda, eu completo esse parênteses, porque faço questão de fazê-lo para lhes lembrar sobre o que se funda a teoria associacionista, e sobre esse fundo de experiência que vem em seguida, o que se coordena no espírito de um sujeito a tal nível, ou para retomar a exploração tal qual ela é dirigida nessa primeira relação experimental, os elementos, os átomos, as idéias como dizemos, sem dúvida, aproximativamente, insuficientemente, mas não sem razão esse primeiro relatório se apresenta sobre esta forma: estas idéias entraram pelo que, nos dizem, na origem? E se trata das relações de contigüidade. Vejam, sigam os textos, vejam de que falamos, sobre quais exemplos nos apoiamos, e vocês reconhecerão, perfeitamente, que a contigüidade não é nenhuma outra coisa senão essa combinação discursiva sobre a qual se funda o efeito que nós chamamos aqui a metonímia. Sem dúvida, contigüidade entre duas coisas que ocorreram, enquanto são evocadas na memória sobre o plano das leis da associação.

O que isso quer dizer? Isso significa como um acontecimento foi vivido em um contexto que nós podemos chamar a grosso modo um contexto de acaso. Parte do acontecimento sendo evocado, o outro virá ao espírito constituindo uma associação de contigüidade que não é nada mais do que um encontro. O que isso quer dizer? Isso quer dizer, em suma, que ela se rompe, que seus elementos são pegos em um mesmo texto de relato. É enquanto o evento evocado na memória, o evento relatado, narrado em forma de texto, que podemos falar a esse nível de contigüidade.

Contigüidade, por outro lado, que nós distinguimos, por exemplo, numa experiência das palavras induzidas. Uma palavra virá com a outra: se a respeito da palavra “cereja” eu evoco evidentemente a palavra “mesa”, isso será uma relação de contigüidade, porque havia tal dia cereja sobre a mesa; mas [não] relação de contigüidade se falamos de alguma

26 de novembro de 1958

coisa que não é outra senão uma relação de similitude. Uma relação de similitude é igualmente sempre uma relação de significantes na medida em que a similitude é a passagem de um ao outro por uma similitude que é uma similitude de ser, que é uma similitude de um ao outro, entre o um e o outro, enquanto um e outro sendo diferentes, há algum sujeito de ser que os torna parecidos.

Eu não vou entrar em toda a dialética do mesmo e do outro, com tudo o que ela tem de difícil e de infinitamente mais rica que uma primeira abordagem o deixa supor. Naquilo que isso interessa, lhes envio ao “*Parmênides*”, e verão que aí passarão um certo tempo antes de esgotar a questão.

O que eu digo simplesmente aqui e o que eu quero lhes fazer sentir é - já que eu falei agora há pouco de cerejas - que há outros usos que o uso metonímico. A respeito dessa palavra, eu diria, justamente um uso metafórico: eu posso servir-me disso para falar do lábio dizendo que esse lábio é como uma cereja, e dar a palavra cereja vindo como palavra induzida a respeito da palavra lábio. Elas estão ligados aqui por quê? Porque ambos são vermelhos, parecidos por alguma atribuição? Não é unicamente isso, ou porque os dois tem a mesma forma, analogicamente, mas o que fica bem claro é que, do que quer que se trate, nós estamos imediatamente, - e isso se sente no efeito totalmente substancial que se chama efeito de metáfora, aqui não há nenhuma espécie de ambigüidade quando eu falo em uma experiência de palavras induzidas, da cereja a respeito do lábio, - nós estamos sobre o plano da metáfora, no sentido mais substancial do que contém este efeito, este termo, e sobre o plano mais formal. Aqui se apresenta sempre, como eu o reduzi para vocês, a esse efeito de metáfora, a um efeito de substituição na cadeia significante.

É na medida em que a cereja pode ser posta num contexto estrutural ou não, a respeito do lábio, que a cereja está aí. Ao que vocês podem me dizer “a cereja pode vir a propósito dos lábios numa função de contigüidade (a cereja desapareceu entre os lábios, ou ela me deu a cereja a ser pega sobre os lábios)”. Sim, é claro, é também assim que ela pode se representar, mas de que se trata? Trata-se aqui de uma contigüidade que precisamente é aquela do relato sobre o qual falei há pouco, pois o evento no qual se integra essa contigüidade, e que faz com que a cereja esteja, de fato, durante um curto momento, no contato do lábio, é alguma coisa que, é claro, do ponto de vista real, não deve nos enganar. Não é que a cereja toca o lábio o que importa, é que ela seja engolida; da mesma forma não é que ela seja segurada entre os lábios no gesto erótico que eu evoquei. Que ela nos seja ofertada nesse mesmo movimento erótico é que conta. Se um instante nós paramos essa cereja ao contato do lábio, é em função de um flash, precisamente do relato, onde é a frase, onde são as palavras que um instante suspendem essa cereja entre os lábios. E é, por sinal, precisamente porque existe essa dimensão do narrado na medida em que institui esse flash, que, inversamente, essa imagem enquanto criada pela suspensão do narrado, se torna de fato na ocasião um dos estimulantes do desejo - só enquanto que impondo um tom que é aqui somente implicação da linguagem no ato, a linguagem introduz no ato essa estimulação posterior, esse elemento estimulante, propriamente dito, que é parado como tal e que vem, na ocasião, alimentar o próprio ato dessa suspensão que toma o valor do fantasma, que tem significação erótica no contorno do ato.

Eu penso que isso seja suficiente para lhes mostrar essa instância do significante enquanto fundamento da estruturação mesma de um certo campo psicológico (que não é a totalidade do campo psicológico), que é precisamente essa parte do campo psicológico que, até um certo grau, é por convenção no interior daquilo que nós podemos chamar a psicologia, na

26 de novembro de 1958

medida em que a psicologia se constituiria sobre a base do que eu chamaria uma espécie de teoria unitária intencional ou apetitiva do campo.

Essa presença do significante, ela é articulada de uma maneira infinitamente mais próxima, infinitamente mais potente, infinitamente mais eficaz na experiência freudiana, e é o que Freud nos lembra a todo instante. É igualmente o que tendemos a esquecer da maneira mais singular, enquanto quiserem fazer da psicanálise alguma coisa que iria no mesmo sentido, na mesma direção que aquela onde a psicologia veio situar seu interesse, eu quero dizer no sentido de um campo clínico, área de um campo tensional no qual o inconsciente seria como que uma espécie de poço, de caminho, de escavação, se assim podemos dizer, paralela à evolução geral da psicologia, e que nos teria permitido também ir por um outro acesso ao nível dessas tensões mais elementares, ao nível do campo das profundezas, na medida em que chega a alguma coisa de mais reduzido ao vital, ao elementar que é aquilo que nós vemos à superfície, que seria o campo dito do pré-consciente ou do consciente.

Isso, eu o repito, é um erro. É, mui precisamente, nesse sentido que tudo o que nós dizemos toma o seu valor e sua importância. E se alguns dentre vocês puderam, da última vez, seguir o meu conselho de se referir aos dois artigos que foram publicados em 1915, o que podem ler ali? Vocês poderão ler ali e ver aí isso, se vocês se reportarem, por exemplo, ao artigo *Unbewußte*, no ponto em que aparece ali o mais sensível - ao ponto, eu diria, ao encontro do qual, numa descritiva superficial, no momento em que não se trata de outras coisas senão de elementos significantes, de coisas que aqueles que não entendem absolutamente nada do que digo aqui, articulam e chamam diariamente uma teoria intelectualista. Nós iremos, portanto, nos colocar ao nível dos sentimentos inconscientes na medida em que Freud fala disso, porque é evidente, opoemos naturalmente a tudo isso que falar de significantes não é a vida afetiva, a dinâmica. Isso fica claro, estou longe de buscar contestá-lo, já que é para o explicar de um modo claro que eu passo por ali, ao nível do *Unbewußte*

O que vocês verão Freud articular para nós? Ele nos articula mui exatamente isso, está na terceira parte de *Das Unbewußte* Freud nos explica muito nitidamente que não pode ser recalcado, nos diz ele, aquilo que ele chama *Vorstellungsrepräsentanz*. Isto só, nos diz ele, pode ser propriamente dito “recalcado”. Isso, portanto, quer dizer “representante da representação”. De quê? Do movimento pulsional que é aqui chamado *Triebregung*

O texto não deixa nenhuma espécie de ambigüidade nesse momento. Ele nos diz expressamente que a *Triebregung* é, em todo caso, um conceito e visa como tal aquilo que podemos mais precisamente chamar a unidade de moção pulsional, e aí não se deve considerar de forma alguma essa *Triebregung* nem como inconsciente, nem como consciente. Eis o que está dito no texto. O que é que isso quer dizer? Isso quer dizer simplesmente que devemos tomar como um conceito objetivo o que nós chamamos *Triebregung*. É uma unidade objetiva na medida em que nós a olhamos, e ela não é nem consciente nem inconsciente, ela é simplesmente o que ela é, um fragmento isolado de realidade que nós conceberemos como tendo sua incidência de ação própria.

É, na minha opinião, ainda mais notável que seja seu “representante da representação” (é o valor exato do termo alemão) e [que] esse único representante de que se trata, a pulsão, *Trieb*, possa ser dito pertencer ao inconsciente na medida em que esse, justamente, implica o que eu pus há pouco com um ponto de interrogação, a saber, um sujeito inconsciente.

26 de novembro de 1958

Eu não devo ir aqui muito mais longe, eu quero dizer que, vocês devem bem sentir, é justamente precisar o que é esse “representante da representação”, e vocês evidentemente já o vêem, não onde eu quero chegar, mas onde nós chegaremos necessariamente, é que este *Vorstellungsrepräsentanz*, - ainda que Freud, em seu tempo, está no ponto onde as coisas podiam se dizer em um discurso científico - esse *Vorstellungsrepräsentanz* é estritamente equivalente à noção e ao termo significante. Não é outra coisa isso, ainda que seja somente anunciado e bem evidente que a demonstração seja, nos parece, já anunciada, pois então a que serviria tudo o que eu lhes disse agora há pouco! Isso o será, bem evidentemente, ainda mais, sempre mais, é mui precisamente disso de que se trata.

Que Freud, por outro lado, seja oposto a isto é, igualmente, articulado da maneira mais precisa por ele mesmo. Tudo o que podemos conotar sobre os termos que ele próprio reúne de sensação, sentimento, afeto, o que é que Freud diz disso? Ele diz que só é por uma negligência da expressão que tem, ou que não pode, ou que não tem, segundo o contexto, inconveniente, como todas as negligências, mas é um relaxamento dizer que ele é inconsciente. Ele não pode, em princípio, diz ele, nunca sê-lo, ele lhe nega formalmente toda a possibilidade de uma incidência inconsciente. Isso está expresso e repetido de uma maneira que não pode comportar nenhuma espécie de dúvida, nenhuma espécie de ambigüidade. O afeto, quando falamos de um afeto inconsciente, isso quer dizer que ele é percebido e desconhecido; desconhecido no quê? Nas suas amarras, mas não que ele seja inconsciente, pois ele é sempre percebido, nos diz ele, simplesmente ele foi se religar a uma outra representação não recalçada. Dito de outro modo, ele teve de se acomodar ao contexto subsistente no pré-consciente, o que lhe permite ser mantido pela consciência, que, na ocasião, não é difícil para uma manifestação desse último contexto. Isso está articulado em Freud. Não basta que ele articule uma vez, ele o articula cem vezes, ele retorna a isso a qualquer propósito.

É precisamente aí que se insere o enigma daquilo que chamamos transformação desse afeto, do que se confirma a esse propósito singularmente plástico, e isso de que todos os autores por sinal, tão logo eles se aproximam dessa questão de afeto, isto é, a cada vez que lhes cai um olho, foram marcados, quero dizer na medida em que ousamos tocar a esta questão. Pois o que há de totalmente marcante é que faço “psicanálise intelectualista”, vou passar o ano a falar disso, mas que, pelo contrário, vocês contarão nos dedos da mão os artigos consagrados à questão do afeto na análise - ainda que os psicanalistas tenham disso a boca cheia quando falam de uma observação clínica, pois é evidente, é sempre ao afeto que recorrem! Há, ao meu conhecimento, um único artigo válido sobre esta questão do afeto, é um artigo de Glover⁵ do qual falamos muito nos textos de Marjorie Brierley. Há neste artigo uma tentativa de passo à frente na descoberta dessa noção de afeto que deixa um pouco a desejar no que Freud diz sobre o sujeito. Esse artigo é, por sinal, detestável, como, aliás, o conjunto desse livro que - se consagrando ao que chamamos “as tendências da psicanálise” - é uma ilustração bastante bela de todos os lugares verdadeiramente impossíveis onde a psicanálise está indo fuçar, passando pela moral, a “personologia” e outras perspectivas eminentemente tão práticas em torno das quais o bla-bla-bla de nossa época gosta de se desgastar...

Por outro lado, se nós voltarmos aqui às coisas que nos dizem respeito, isto é, as coisas sérias, o que leremos nós em Freud? Nós leremos isto: o afeto, o problema é saber o que

⁵ GLOVER, E.: “The psycho-analysis of affects”. I.J.P., Vol. XX, 1939, págs. 299-307.

26 de novembro de 1958

ele se torna enquanto desenganchado da representação recalcada e que não depende mais da representação substitutiva à qual ele encontra para se amarrar.

Ao “desenganchar” corresponde essa possibilidade de anexação que é sua propriedade e aquilo em que o afeto se apresenta na experiência analítica como alguma coisa de problemático, que faz com que, por exemplo, no vivido de uma histérica (é daí que parte a análise, é de lá que Freud parte quando começa a articular as verdades analíticas), é que um afeto surge no texto comum, compreensível, comunicável do vivido de todos os dias de uma histérica; e que esse afeto que está aí, - que parece, por sinal, coeso com o conjunto do texto, exceto por um olhar um pouquinho exigente - esse afeto que está aí é a transformação de alguma outra coisa.

É alguma coisa que merece aí nos determos: alguma outra coisa que não é um outro afeto, que estaria, ele, no inconsciente. Isso, Freud o nega absolutamente, não há absolutamente nada parecido. É a transformação do fator puramente quantitativo. Não há absolutamente nada que, nesse momento aí esteja realmente no inconsciente, esse fator quantitativo sob uma forma transformada, e toda a questão é de saber como no afeto essas transformações são possíveis, a saber, por exemplo, como um afeto que está na profundidade, e concebível no texto inconsciente restituído como sendo tal ou tal, se apresentam sob uma outra forma quando ele se apresenta no contexto pré-consciente.

O que Freud está nos dizendo?

Primeiro texto: “Toda a diferença provém daquilo que no inconsciente as *Vorstellungen* são investimentos do fundo de traços de lembranças, enquanto que os afetos correspondem a processos de descarga cujas manifestações últimas são percebidas como sensações.” Tal é a regra da formação dos afetos.

E tão bem que, como lhes disse, o afeto reenvia ao fator quantitativo da pulsão, aquilo em que ele entende que não é somente móvel, movível, mas submetido à variável que constitui esse fator, e ele a articula, precisamente, ainda dizendo que sua sorte pode ser tripla: “O afeto resta, subsiste na totalidade ou em parte tal qual ele é, ou então ele sofre uma metamorfose em uma quantidade de afetos qualitativamente outros, antes de tudo em angústia (é o que ele escreve em 1915, e onde vemos se iniciar uma posição que o artigo *Inhibition, symptôme, angoisse* articulará na tópica), ou então ele é suprimido, isto é, que seu desenvolvimento está bloqueado.”

“A diferença, nos dizem, entre aquilo que é do afeto e o que é da *Vorstellungsrepräsentanz*, é que a representação depois do recalque permanece como formação real no sistema ICS, enquanto que ao afeto inconsciente só responde uma possibilidade anexa que não havia nenhuma necessidade, escreve Freud, de se desabrochar.”⁶

É um preâmbulo, antes de entrar no modo do qual eu entendo aqui fazer algumas perguntas a respeito da interpretação do desejo do sonho. Eu lhes disse que tomaria para isso um sonho pegado no texto de Freud, porque depois de tudo ainda é o melhor guia para estar certo daquilo que ele entende dizer quando fala do desejo do sonho. Nós vamos pegar um sonho que tomarei emprestado desse artigo que se chama *Formulierungen, Formulações a respeito dos dois princípios de regulação da vida psíquica*⁷, de 1911, publicado logo

⁶ FREUD, S., “Das Unbewusste” (1915), GW X, p.276. “L’inconscient”, in *Métapsychologie*, p. 83 e ss.

⁷ FREUD, S., G.W. VIII, págs. 230-238. R.I.P. t. 1, Paris, P.U.F., págs. 135-143.

26 de novembro de 1958

antes de *O caso Schreber*. Eu tomo emprestado esse sonho e o modo pelo qual Freud fala dele e o trata nesse artigo, porque ele aí é articulado de uma maneira simples, exemplar, significativa, não ambígua, e para mostrar como Freud entende a manipulação desses *Vorstellungsrepräsentanz*, enquanto se trata da formulação do desejo inconsciente.

O que se desprende do conjunto da obra de Freud no que diz respeito às relações desses *Vorstellungsrepräsentanz* com o processo primário, não deixa nenhuma espécie de dúvida. Se o processo primário é capaz, enquanto submetido ao primeiro princípio, dito princípio do prazer... Não há nenhum outro modo de conceber a oposição que em Freud é marcada entre o princípio de prazer e o princípio de realidade, se não é de nos apercebermos que aquilo que nos é dado como o surgimento alucinatorio no qual o processo primário (isto é, o desejo a nível do processo primário) encontra a sua satisfação, diz respeito não simplesmente a uma imagem, mas a alguma coisa que é um significante. É, aliás, uma coisa surpreendente que não nos tenhamos percebido de outra forma, quero dizer, a partir da clínica. Nós nunca o percebemos de outro modo, parece, precisamente enquanto a noção de significante era alguma coisa que não estava elaborada no momento do grande desabrochar da psiquiatria clássica, pois enfim na massividade da experiência clínica, sob algumas formas se apresentam a nós as formas maiores, problemáticas, as mais insistentes sob as quais se põe para nós a questão da alucinação, se não é nas alucinações verbais ou de estrutura verbal, isto é, na intrusão, a ingerência no campo do real, não de qualquer coisa, não de uma imagem, não de um fantasma, não de que suportaria, muitas vezes, simplesmente um processo alucinatorio. Mas se uma alucinação nos apresenta problemas que lhe são próprios, é porque se trata de significantes e não de imagens, nem de coisas, nem de percepções, enfim, de “falsas percepções do real” como nos expressamos.

Mas, ao nível de Freud, isso não constitui nenhuma espécie de dúvida, e precisamente ao final desse artigo, para ilustrar o que ele chama de *neurotische Währung* ou seja, é um termo a ser lembrado: a palavra *Währung* quer dizer “duração” - ele não é muito habitual em alemão, sendo ligado ao verbo *währen*, que é uma forma durativa do verbo *währen* - e essa idéia de “duração”, de “valorização”, pois é o uso mais comum, se a palavra *Währung* se refere a duração, o uso mais comum que é feito disso é o “valor”, a “valorização”. Para nos falar da valorização propriamente neurótica, isto é, na medida em que o processo primário aí faz irrupção, Freud toma como exemplo um sonho, e eis aqui esse sonho.

É o sonho de um sujeito em luto por seu pai, que, ele nos diz, assistiu nos longos tormentos do seu fim. Esse sonho se apresenta assim: O pai está ainda em vida e lhe fala como antigamente. Mediante o quê ele não ressentiu menos o modo extremamente doloroso, o sentimento de que seu pai já está, no entanto, morto, que somente “**ele não sabia nada disso**” - eu entendo o pai. É um sonho curto, é um sonho, como sempre, que Freud aborda ao nível transcrito, pois o essencial da análise freudiana se funda sempre sobre o relato do sonho na medida em que primeiramente articulado. Esse sonho, portanto, se repetiu, com insistência, nos meses que se seguiram ao falecimento do pai. E como é que Freud vai abordá-lo?

Está fora de dúvida, é claro, que Freud nunca pensou em nenhuma espécie de momento que um sonho - nem que seja por essa distinção que ele sempre fez do conteúdo manifesto e do conteúdo latente em se referindo imediatamente àquilo que poderíamos chamar, e aquilo que não erramos chamar a todo o instante na análise desse termo, que não tem, creio, equivalente, *wishful thinking*. É o que gostaria quase tornar algum som de equivalência com alarme. Isso deveria pôr, por si só, um analista em desconfiança, ou até mesmo em defesa, e persuadi-lo de que ele se engajou no caminho errado.

26 de novembro de 1958

Não é o caso, de modo algum, que Freud, um instante, brinque com ele, esse *wishful*, e nos diga que é simplesmente porque precisa ver seu pai e que isto lhe agrada. Pois não é, de forma alguma, suficiente, pela simples razão que isso não parece nenhum pouco ser uma satisfação, e que isso se passa com elementos em um contexto cujo caráter doloroso é mui suficientemente marcado para nos evitar esse tipo de passo precipitado, o qual, por sinal, comento aqui para marcar a possibilidade ao limite. Eu não penso, afinal de contas, que um só psicanalista possa ir até lá quando se trata de um sonho. Mas é precisamente porque não podemos ir até lá, quando se trata de um sonho, que os psicanalistas não se interessam mais pelo sonho.

Como é que Freud aborda as coisas? É o seu texto, no nível do qual ficamos: “Nenhum outro meio, escreve nesse artigo, nenhum outro meio conduz à inteligência do sonho em sua sonoridade de não-senso, do que a adjunção “segundo seu desejo”, ou “decorrente do seu desejo”, depois das palavras “**que seu pai no entanto estava morto**” e o corolário, se vocês quiserem, que “ele o desejava”, depois do final da frase (que dá nisto: e que somente ele não sabia, o pai, que era esse o desejo de seu filho). O pensamento do sonho se entende então, que lhe seria doloroso lembrar que era preciso desejar a morte de seu pai, e quão assustador seria se ele tivesse desconfiado disso.”

Isso lhes conduz a dar o seu peso à maneira pela qual Freud trata o problema: é um significante. São as coisas que são cláusulas, as quais tentaremos articular sobre o plano lingüístico o que elas são, o exato valor do que é dado aí como permitindo acessar à inteligência do sonho. Elas são dadas como tais, e como o fato que sua implantação, sua adaptação no texto, libera o sentido do texto.

Eu lhes peço entender o que estou dizendo. Eu não estou dizendo que aí está a interpretação - e talvez esteja de fato aí a interpretação, mas eu ainda não o digo - eu lhes suspendo nesse momento onde um certo significante é designado como produto pela sua falta. Aquilo de que se trata, o fenômeno do sonho, qual seria ele? É recolocando-o no contexto do sonho que nós teremos acesso a alguma coisa que nos é dada por ser a inteligência do sonho, a saber, que o sujeito se encontra, no caso, já conhecido, essa crítica que fazemos a nós mesmos a respeito da pessoa amada, e que essa crítica nos trás de volta esse exemplo à significação infantil do desejo de morte [*du souhait de mort*].

Aqui estamos, portanto, diante de um caso típico onde o termo transferência, *Übertragung* é usado no sentido em que é usado, primitivamente, primeiro, em *A ciência dos sonhos*. Trata-se de um adiamento de alguma coisa que é uma situação original, o desejo de morte original no caso, em alguma coisa outra, atual, que é um desejo [souhait] análogo, homólogo, paralelo, similar, de um modo qualquer, introduzindo-se para fazer reviver o desejo arcaico [*souhait archaïque*] de que se trata.

Isto vale naturalmente que nos detenhamos, porque é a partir daí, simplesmente, que nós podemos primeiramente tentar elaborar o que quer dizer interpretação, pois nós deixamos de lado a interpretação do *wishful*. Para regular essa interpretação só há uma observação a ser feita. Se não podemos traduzir *wishful thinking* por “pensamento desejoso”, é por um motivo muito simples: é que se *wishful thinking* tem um sentido (é claro que ele tem um sentido, mas ele é empregado em um dos contextos onde este sentido não é válido), se vocês quiserem pôr à prova, cada vez que esse termo é usado, a oportunidade, a pertinência do termo *wishful thinking* vocês só precisam fazer a distinção que *wishful thinking* não é “tomar seu desejo por realidades” como nos expressamos (é o sentido do pensamento

26 de novembro de 1958

enquanto desliza, enquanto diminuído [*flächig*]). Portanto, a esse termo não devemos atribuir a significação: “tomar seus desejos por realidades”, como nos expressamos correntemente, mas “tomar seu sonho por uma realidade”; é nesse único título justamente, que é totalmente inaplicável à interpretação do sonho, a esse tipo de compreensão do sonho, isto quer simplesmente dizer, nesse caso, que fizemos esse sonho, em outros termos, que sonhamos porque sonhamos, e é bem por isso que essa interpretação nesse nível não é aplicável de forma alguma, em nenhum momento, a um sonho.

É preciso, portanto, que venhamos ao processo dito de adjunção de significantes, o que supõe a subtração prévia de um significante. Eu falo daquilo que ele supõe no texto de Freud, subtração sendo naquele momento exatamente o sentido do termo que ele usa para designar a operação do recalque em sua forma pura, eu diria, no seu efeito *unterdrückt*.

É então que nós nos encontramos parados por alguma coisa que, como tal, apresentava para nós uma objeção e um obstáculo. Se nós não tivéssemos decidido de antemão encontrar todo o bem, isto é, se nós não tivéssemos decidido de antemão de “crer-crer”, como diz o senhor Prévert, devemos então parar nisso: é que a pura e simples restituição desses dois termos *nach seinem Wunsch* e *daß er wunschte* (isto é, que ele a desejava, o filho, essa morte do pai), que a simples restituição dessas duas cláusulas, do ponto de vista daquilo que o próprio Freud nos designa como o objetivo final da interpretação, a saber, a restauração do desejo inconsciente, não dá estritamente nada, pois o que é que nós restituímos neste momento? É alguma coisa que o sujeito conhece perfeitamente. Durante a doença extremamente dolorosa, o sujeito, de fato, desejou à seu pai a morte como solução e como fim dos seus tormentos e de sua dor, e de fato, é claro, ele não o demonstrou, ele fez tudo para dissimular-lhe, o desejo, o voto que estava no seu contexto, no seu contexto recente, vivido, perfeitamente acessível. Não é nem mesmo preciso falar a respeito de pré-consciente, mas de lembrança consciente, perfeitamente acessível ao texto contínuo da consciência.

Portanto, se o sonho subtrai de um texto alguma coisa que não é, de forma alguma, roubado da consciência do sujeito, se ele o subtrai, é, se assim posso dizer, esse fenômeno de subtração que toma valor positivo. Eu quero dizer que é esse o problema, é a relação do recalque, na medida em que, sem dúvida alguma, se trata aí de *Vorstellungsrepräsentanz*, e até mesmo bem típico. Pois se alguma coisa merece esse termo é justamente alguma coisa que é, eu diria em si mesma, uma forma vazia de sentido: “segundo o seu voto”, em si, isolado, isso não quer dizer nada, isso quer dizer “segundo o seu voto”, aquele do qual falamos anteriormente, que ele o desejava... O quê? Isso depende, igualmente, da frase que está antes, e é bem nesse sentido que eu desejo lhes conduzir para mostrar o caráter irreduzível daquilo de que se trata em relação a toda concepção que provém de um tipo de elaboração imaginária, até mesmo de abstração dos dados objetivos de um campo, quando se trata do significante e daquilo que faria a originalidade do campo que, no psiquismo, no vivido, no sujeito humano, é instaurado por ele, pela ação do significante. É isso que nós temos, essas formas significantes que nelas mesmas não se concebem, só se sustentam enquanto articuladas com outros significantes, e é disso de que se trata de fato.

Eu sei muito bem que aí me introduzo em alguma coisa que suporia uma articulação muito mais longa de tudo aquilo de que se trata. Isso está ligado com todos os tipos de experiência que foram seguidos com muita perseverança por uma escola dita escola de Marburg, aquela dita do pensamento sem imagens, tipo de intuição (nos trabalhos dessa escola que se faziam em pequeno círculo totalmente fechado de psicólogos) na qual éramos

26 de novembro de 1958

levados a pensar sem imagens esses tipos de formas que não são outras que, justamente, as formas significantes sem contexto e no estado nascente, que a noção de *Vorstellung* - e muito especialmente no caso dos problemas que aqui estão apresentados - merecia que lembrássemos que Freud assistiu durante dois anos, como nós temos testemunho sem ambigüidade, ao curso de Brentano, e que a psicologia de Brentano, enquanto dá um certo conceito da *Vorstellung* está bem aí para nos dar o peso exato do que podia, mesmo no espírito de Freud, e não simplesmente na minha interpretação, tomar o termo *Vorstellung*.

O problema é justamente da relação que há entre o recalque, se o recalque é dito aplicar-se exatamente e como tal, a alguma coisa que é da ordem da *Vorstellung* e, por outro lado, esse fato de alguma coisa que não é nada além da aparição de um sentido novo para alguma coisa que é diferente para nós, no ponto em que progredimos, que é diferente do fato do recalque, que é aquilo que nós podemos chamar, no contexto do pré-consciente, a elisão de duas cláusulas.

Essa elisão, seria ela a mesma coisa que o recalque? Seria ela exatamente o durante, o contrário? Qual é o efeito dessa elisão? É claro que é um efeito de sentido, eu quero dizer que é preciso, para nos explicar sobre o plano mais formal, que nós consideremos essa elisão - eu digo elisão e não alusão; não é, para empregar a linguagem cotidiana, uma figuração, esse sonho não faz alusão, bem longe disto, ao que precedeu, a saber, as relações do pai com o filho. Ele introduz alguma coisa que soa absurdamente, que tem seu alcance de significação sobre o plano manifesto, perfeitamente original. Trata-se bem de uma *figura verborum*, de uma figura de palavras, de termos, para empregar o mesmo termo que é pendente ao primeiro. Trata-se de uma elisão, e essa elisão produz um efeito de significado: essa elisão equivale a uma substituição aos termos que faltam de um branco, de um zero, - mas um zero não deixa de ser algo - e o efeito de que se trata pode ser qualificado de efeito metafórico.

O sonho é uma metáfora. Nessa metáfora alguma coisa nova surge que é um sentido, um significado sem nenhuma dúvida enigmático, mas que assim mesmo não é alguma coisa da qual nós não devamos levar em conta como uma das formas, eu diria das mais essenciais, do vivido humano. Já que é essa imagem mesmo que, durante séculos, jogou os seres a um tal desvio de luto de sua existência, sobre caminhos mais ou menos roubados que os levavam no necromante, e aquilo que fazia surgir no círculo da encantação era este algo chamado sombra, diante de que não acontecia outra coisa que aquilo que se passa nesse sonho; a saber, esse ser que está aí a ser, sem que saibamos como ele existe, e diante do qual, literalmente, não podemos dizer nada - pois ele, é claro, fala. Mas pouco importa! Eu diria que, até um certo ponto, aquilo que ele diz e também o que ele não diz, não nos é nem mesmo dito no sonho, essa palavra só toma o seu valor pelo fato que aquele que chamou o ser amado do reino das sombras, ele, não pode, literalmente, lhe dizer nada daquilo que é a verdade de seu coração.

Esse confronto, essa cena estruturada, esse cenário, não nos sugere que, nele mesmo, nós devemos tentar situar o alcance? O que é? Que é que é isso? O que é isso? Isso tem esse valor fundamental, estruturado e estruturante que é aquele que eu tento, para vocês, precisar este ano, diante de vocês, sob o nome de fantasma? Seria isso um fantasma? Haveria aí um certo número de caracteres exigíveis para que uma tal apresentação, em um tal cenário, a esse cenário nós reconhecemos os caracteres do fantasma?

É uma primeira pergunta que infelizmente nós não poderemos começar a articular senão da próxima vez. Entendam bem que nós lhe daremos respostas perfeitamente precisas, e

26 de novembro de 1958

que nos permitirão de nos aproximar daquilo em que de fato é um fantasma, e aquilo em que é um fantasma de sonho. A saber, eu lhes articulo, de imediato, um fantasma que tem formas muito particulares, quero dizer que um fantasma de sonho, no sentido onde nós podemos dar um sentido preciso a essa palavra “fantasma”, não tem o mesmo alcance que aquele de um fantasma vígil, seja ele inconsciente ou não. Eis um primeiro ponto sobre o qual eu lhes responderei à pergunta que se faz aqui, da próxima vez.

O segundo ponto é a respeito disso e partindo disso, a saber, dessa articulação da função do fantasma, como nós devemos concebê-lo, que jaz a incidência daquilo que podemos chamar, daquilo que Freud chamou os mecanismos de elaboração do sonho: a saber, essas relações de um lado com o recalque suposto antecedente, e a relação deste recalque com os significantes os quais lhes mostrei até que ponto Freud os isola e articula a incidência de sua ausência em termos de puras relações significantes.

Esses significantes, quero dizer, as relações que há entre os significantes do relato, “*ele está morto*” por um lado, “*ele não o sabia*” por outro lado, e “segundo o seu voto” em terceiro lugar. Nós tentaremos pô-los, colocá-los, fazê-los funcionar sobre as linhas, trajetos de correntes ditas respectivamente, cadeia do sujeito e cadeia significante, tais quais elas estão aqui postas, repetidas, insistentes diante de nós sob a forma do nosso grafo. E vocês verão ao mesmo tempo em que podem servir isso que não é nada além de posição topológica dos elementos e de relações sem as quais não há nenhum funcionamento possível de discurso, e como sozinha a noção de estruturas que permitem esse funcionamento do discurso pode permitir igualmente dar um sentido a isso que as duas cláusulas em questão podem ser ditas até um certo ponto, ser verdadeiramente o conteúdo, - como diz Freud, a realidade, ou *Real verdrängt* - o-que-é-realmente-recalcado.

Mas isto não basta. É preciso também distinguir como e porque o sonho aqui faz uso desses elementos que sem nenhuma dúvida são recalçados, mas precisamente, justamente aí, em um nível onde eles não o são, isto é, onde o vivido imediatamente antecedente os pôs em jogo como tais, como cláusulas e onde, longe de ser recalçados, o sonho os elide. Por quê? Para produzir um certo efeito de quê? Eu diria de alguma coisa que também não é tão simples já que, em suma, é para produzir uma significação, não há dúvida. E nós veremos que a mesma elisão do mesmo voto pode Ter, segundo estruturas diferentes, efeitos completamente diferentes.

Para simplesmente despertar um pouco, estimular sua curiosidade, gostaria simplesmente de fazê-los notar que há talvez uma relação entre a mesma elisão, a mesma cláusula “segundo seu voto”, e o fato de que em outros contextos que não são de sonho mas de psicose, por exemplo, isso pode desembocar no desconhecimento da morte. O “*de não o sabia*”, ou “ele não queria saber nada” articulando-se simplesmente de outra forma com o “*de está morto*”, ou mesmo em um contexto ainda diferente, talvez tenham interesse de ser distinguidos de primeira como a *Verwerfung* se distingue da *Vernichtung*. Isso pode desembocar, nesses momentos, em sentimentos ditos de invasão, ou de irrupção, ou nesses momentos fecundos da psicose quando o sujeito pensa que tem diante de si, de fato, alguma coisa de muito mais próximo ainda da imagem do sonho que nós não podemos nem mesmo esperar, a saber, que ele tem diante de si alguém que está morto, que ele vive com um morto, e simplesmente que ele vive com o morto que não sabe que está morto. E, talvez, até mesmo diremos nós até um certo ponto, que na vida perfeitamente normal, aquela onde nós vivemos todos os dias, nos acontece talvez mais freqüentemente do que nós o pensamos, ter em nossa presença alguém que, com todas as aparências de um comportamento socialmente satisfatório, é alguém que ao mesmo tempo deseja, por

26 de novembro de 1958

exemplo, do ponto de vista do interesse, do ponto de vista daquilo que nos permite estar com o ser humano de acordo, fica bem claro (nós conhecemos mais de um, a partir do momento em que lhes assinalo procurarem em suas relações...) alguém que é bem certo um morto, um morto há muito tempo, morto e mumificado, que só espera o toquezinho de báscula, de não sei o quê parecido, para reduzir-se a este tipo de pó que deve conduzi-lo ao seu fim.

Não seria verdadeiro também que, em presença desse algo que, afinal de contas, está talvez muito mais difusamente presente do que se pensa, nas relações de sujeito a sujeito, a saber, que tem também esse aspecto de meio morto, e que o que há de meio morto em toda espécie de ser vivo não nos deixa ficar mais com a consciência tranqüila, e uma grande parte do nosso comportamento com nossos semelhantes - e talvez alguma coisa da qual devemos levar em conta quando nos encarregamos de entender os discursos, a confidência, o discurso livre de um sujeito sob uma experiência da psicanálise - introduz talvez em nós uma reação muito mais importante a se aferir, sempre presente, incidente, essencial, que em nós corresponde a esse tipo de precaução que é preciso tomar para não fazer notar ao meio morto que aí onde ele está, de onde ele está falando conosco, está meio presa da morte; e isso também porque, para nós mesmos, sobre esse sujeito, uma audácia de intervenção não ficaria sem comportar, para nós, algum contragolpe que é mui precisamente esse contra o que mais nos defendemos, é, a saber, aquilo que há em nós de mais fictício, de mais repetido, a saber, também a quase-morte.

Em suma, vocês o vêem, as questões são mais multiplicadas do que fechadas no ponto onde nós chegamos ao final deste discurso de hoje. E, sem dúvida alguma, se esse sonho deve lhes trazer alguma coisa no que diz respeito à questão das relações do sujeito com o desejo, é que ele tem um valor do qual nós não devemos nos espantar levando em conta seus protagonistas, a saber um pai, um filho, a morte presente, e, vocês verão, a relação ao desejo. Não é, portanto, por acaso que nós escolhemos esse exemplo e nós teremos ainda de explorá-lo da próxima vez.